

TECENDO SABERES E IDENTIDADES: A LUDICIDADE E A CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE

Jussara Tania Silva Moreira ¹
Cândida Maria Santos Daltro Alves ²

Resumo

Este relato de experiência narra a prática pedagógica da Afro-alfabetização, uma abordagem que visa superar a perspectiva meramente mecanicista da decodificação e do letramento e integrar organicamente a História e Cultura Afro-Brasileira ao currículo escolar, superando a superficialidade das datas comemorativas e alinhando os conteúdos e métodos às exigências legais das Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08. Mediante ao exposto, tem-se por objetivo descrever o desenvolvimento do Subprojeto de Pedagogia intitulado “Afro-alfabetizar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e a Ludicidade na Educação Infantil”, vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e à Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Os princípios teóricos se apoiam em autores como Ribeiro (2017), acerca do conceito de lugar de fala; Santos (2022), sobre a cultura negra na formação social; e Gomes (2003), no que tange à identidade e ao pertencimento étnico-racial, entre outros. Metodologicamente, adota-se a pesquisa-ação, baseada em Thiolent (2011), por articular teoria e prática na busca por transformações concretas da realidade educacional. Os ciclos de planejamento, ação, observação e reflexão permitiram identificar desafios e elaborar soluções para as dificuldades de alfabetização e as questões étnico-raciais nas escolas parceiras. Os resultados evidenciam a construção de uma práxis pedagógica crítica e inclusiva, que se consolida por meio da ludicidade e das tecnologias digitais. A principal estratégia de intervenção, até o presente momento, tem sido a criação de Histórias em Quadrinhos (HQs) com temáticas afro-brasileiras, desenvolvidas pelos bolsistas como material didático que incorpora os elementos da realidade regional. Ao promover um ambiente escolar mais acolhedor e representativo, o projeto contribui para a valorização da diversidade e o fortalecimento do respeito às identidades culturais. O PIBID, por meio dessa experiência, reafirma seu papel na formação docente comprometida com a equidade racial e a construção de uma sociedade mais justa e plural.

Palavras-chave: Afro-Alfabetização, Educação Antirracista, Formação Docente.

Introdução

A afro-alfabetização se estabelece como uma perspectiva educacional que visa expandir a ideia de letramento para além da decodificação da língua escrita, incorporando plenamente as dimensões identitárias, culturais e históricas no processo de aprendizagem. Sob essa ótica,

¹ Profa Dra do Departamento de Ciências da Educação, da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, Coordenadora de Área do Subprojeto de Pedagogia, "Afro-Alfabetizar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e a Ludicidade na Educação Infantil", e-mail jtsmoreira@uesc.br

² Profa Dra do Departamento de Ciências da Educação, no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, colaboradora do Subprojeto de Pedagogia, "Afro-Alfabetizar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e a Ludicidade na Educação Infantil", E-mail- cmsdalves@uesc.br.



alfabetizar consiste em possibilitar que as crianças se reconheçam como sujeitos históricos, herdeiros de culturas diversas, capazes de "ler o mundo antes mesmo de ler as palavras", conforme postula Paulo Freire (1996).

Com base nesta perspectiva, o presente relato de experiência tem por objetivo descrever o Subprojeto de Pedagogia "Afro-alfabetizar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e a Ludicidade na Educação Infantil", vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Essa iniciativa surgiu do compromisso de formar educadores críticos e comprometidos com uma educação antirracista, por meio da integração da alfabetização, da ludicidade e da valorização da cultura afro-brasileira.

O Subprojeto, ainda em curso, está ancorado nas Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 e busca contribuir para o cumprimento efetivo da obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena em escolas públicas de Ilhéus–Bahia. O eixo central do trabalho é deslocar tais temáticas do campo das comemorações (como 19 de abril e 20 de novembro) para o campo do conhecimento estruturante, afirmando que a alfabetização é, também, um ato político e ético voltado para o reconhecimento da diversidade e o combate ao racismo.

Essa intervenção pedagógica dialoga com o pensamento de autores cruciais para a educação antirracista. Segundo Moreira (2016), Bourdieu demonstrou que o campo social, incluindo o educacional, é estruturado por relações de poder onde agentes disputam legitimidade dos saberes, das práticas e das identidades culturais. Nesse contexto, Gomes (2017; 2003) destaca a urgência de uma educação antirracista que questione as desigualdades estruturais e promova o reconhecimento das identidades historicamente marginalizadas.

Sendo assim, o Subprojeto ancora-se, ainda, na perspectiva do "lugar de fala" de Ribeiro (2017), entendida como a dimensão da representatividade e posição social que confere ao indivíduo perspectivas únicas sobre opressões e privilégios. Soma-se a isso a contribuição de Santos (2022, p. 15-16), ao evidenciar que "vivemos num país que reconhece a existência do racismo, mas onde ninguém se diz racista. Essa combinação perversa resulta numa prática amplamente disseminada [...]. No Brasil, o racismo ainda é visto como doxa". O que torna importante um história que seja construção de uma memória coletiva não eurocentrada. Logo, a intervenção social e pedagógica do Subprojeto de Pedagogia UESC/PIBID se encontra em articular uma memória que foge ao letramento tradicional e que tenha o reconhecimento étnico-racial da luta por legitimidade dos saberes. Para tal, utiliza duas estratégias principais:

- a) Estratégias Lúdicas e Criativas em forma de arte, brincadeiras, danças, músicas, histórias em quadrinhos (HQs), literatura afro-brasileira e outras manifestações

culturais como ferramentas de ensino-aprendizagem.

- b) Corpo como Território de Afirmiação: visando a transformação do corpo negro, muitas vezes alvo de ataques racistas (em relação ao cabelo e a cor da pele), em um espaço de beleza e identidade positiva.

Ao viabilizar a formação da autoestima e da representatividade, os/as alunos(as) Subprojeto de Pedagogia PIBID/UESC age diretamente contra a visão que a própria criança negra pode ter de si em função do racismo estrutural. Em outras palavras, o "Afro-Alfabetizar" garante que o aprendizado da leitura e da escrita não seja um processo neutro, mas sim um ato de (re)existência e valorização dos corpos negros.

Dentre as ações, destaca-se a produção e aplicação de Histórias em Quadrinhos (HQs) com temáticas afro-brasileiras, criadas pelos(as) bolsistas do PIBID em diálogo com as crianças e professoras das escolas parceiras. As HQs funcionaram como o eixo integrador entre leitura, escrita e representatividade, oferecendo às crianças experiências de aprendizagem que valorizam suas origens e narrativas.

Nesse sentido, o trabalho adota a pesquisa-ação como método, dada a natureza intervenciva do subprojeto, e a abordagem qualitativa, fundamental para capturar a complexidade das interações e os significados atribuídos às práticas de afro-alfabetização.

Portanto o presente trabalho se estrutura em três seções principais, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira seção, detalha o percurso metodológico do subprojeto e descreve as ações de intervenção realizadas nas escolas de Ilhéus-Bahia, com ênfase na produção e aplicação das HQs e nas estratégias lúdicas de afirmação do corpo. Na segunda seção, apresentamos o referencial teórico que embasa a concepção de Afro-alfabetização. Por fim, a terceira seção discute os resultados e as reflexões obtidas, particularmente no que se refere à formação docente e ao impacto do trabalho pedagógico no combate ao racismo e na promoção da equidade, reafirmando o papel do PIBID como política pública de valorização da formação docente e (re)construção de saberes.

Metodologia

Do ponto de vista metodológico, o presente trabalho adota a pesquisa-ação como sustentação epistemológica, conforme defendido por Thiollent (2011, p. 14). Esta abordagem se define como uma "investigação social com base empírica, ao associar a ação e a reflexão em um processo de resolução de problemas coletivos, nos quais pesquisadores e participantes



atuam de modo cooperativo." Essa definição traduz o modo de atuação do Subprojeto de Pedagogia PIBID/UESC: um espaço formativo em que a prática docente é continuamente pensada, transformada e reconstruída.

As/Os bolsistas do Subprojeto de Pedagogia PIBID/UESC não atuam meramente como observadoras/es, mas como coautoras/es das mudanças pedagógicas, trabalhando em conjunto com as professoras supervisoras e demais profissionais das escolas parceiras. Dentro dessa perspectiva, o afro-alfabetizar é concebida como um ato político, estético e epistemológico, que ensina a ler e a escrever e, simultaneamente, ensina a ver, sentir e interpretar o mundo sob perspectivas plurais.

A partir desses fundamentos, o Subprojeto de Pedagogia PIBID/UESC constrói uma práxis pedagógica que une teoria e ação, ludicidade e crítica, representatividade e emancipação. Esses fundamentos se concretizaram nos recursos metodológicos das Histórias em Quadrinhos (HQs) e nas vivências das bolsistas com as crianças.

Por fim, essa opção metodológica alinha-se a uma abordagem qualitativa, permitindo que o conhecimento seja construído coletivamente e transformando a relação entre universidade e escola em uma parceria horizontal e emancipadora. Segundo Moreira (2016), a abordagem qualitativa interpreta os significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações, principalmente por meio da observação quando o pesquisador está imerso no fenômeno de interesse. Esse direcionamento qualitativo atende aos requisitos objetivos exigidos pela ciência, como sistematização, rigor, coerência teórica e ética, ao mesmo tempo em que sustenta e ressalta as subjetividades humanas, os afetos, as percepções e os significados individuais e culturais.

Assim, o trabalho dentro do Subprojeto de Pedagogia PIBID/UESC articulou três etapas fundamentais como estratégia metodológica: formação dos(as) bolsistas; criação das Histórias em Quadrinhos (HQs); e, aplicação das HQs com as crianças dentro das Escolas Parceiras. Com base na formação teórica, nas leituras e nas reflexões, foram realizadas oficinas de roteirização, desenho e produção gráfica.

As HQs foram elaboradas coletivamente pelos(as) bolsistas do Subprojeto de Pedagogia PIBID/UESC, buscando integrar elementos da cultura local, incluindo a cultura do cacau, com personagens negros e negras e temas ligados à ancestralidade, oralidade e ao cotidiano das crianças. Cada narrativa foi estruturada para dialogar com o conteúdo da afro-alfabetização, abrangendo leitura, escrita e formação de palavras, sem dissociar o aspecto cultural do pedagógicas.

Nas turmas da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, por meio



de rodas de conversas e leituras, dramatizações e produções textuais coletivas foram realizadas as atividades com as HQs. Neste processo, as crianças criaram finais, desenharam personagens e compartilharam histórias de suas famílias, o que revelou o fortalecimento do pertencimento com a herança cultural.

Referencial Teórico

A discussão sobre a afro-alfabetização, exige reconhecer a escola enquanto reproduutora do capital social, simbólico e cultural, campo de disputa simbólica, econômica e política como visto em Bourdieu (Moreira, 2016). Como campo educacional/pedagógico, ela se torna um espaço de tensão entre a visão de um currículo escolar hegemônico e eurocêntrico versus uma perspectiva afrocentrada e antirracista.

Nesse contexto de disputa, o capital legislativo e institucional, inegavelmente formado pela Lei nº 10.639/03, funciona como um campo político, ao obrigar o sistema de ensino a destinar recursos e atenção à temática afro-brasileira. O Subprojeto de Pedagogia PIBID/UESC, por sua vez, busca mobilizar o capital social da escola, dentre as conexões com Movimentos Sociais, Comunidades, Famílias (base de legitimidade cultural) e Pesquisadores/Universidades (produção de saberes), para convertê-lo em um direcionamento de legitimidade pedagógica das questões cotidianas. Essa luta visa transformar a história e a cultura negra de um saber "secundário" para um saber central na formação de todos os cidadãos, base de uma educação antirracista.

A educação antirracista deve “reconhecer e tornar credíveis os saberes produzidos, articulados e sistematizados pelo Movimento Negro para a prática e para o pensamento educacional é tarefa da pedagogia das emergências” (Gomes, 2017, p. 139). Esse entendimento desloca a educação de um campo neutro para um campo de luta. Alfabetizar, sob essa perspectiva, não é apenas ensinar o código escrito, mas também ensinar a ler as estruturas sociais que produzem desigualdade e exclusão. Gomes (2017) ecoa nas experiências do Subprojeto ao conceber à docência como prática de resistência e emancipação, voltada à reconstrução da identidade negra. É justamente nesse contexto que o projeto intervém, ao propor práticas pedagógicas que valorizam a ancestralidade e desconstroem padrões eurocêntricos. Isso cria condições para que a criança negra se reconheça e para que todas as crianças desenvolvam empatia e respeito à diversidade.

Essa intervenção se torna crucial diante da análise de Munanga (2004, p 13), ao mostrar que todos os “movimentos sociais, incluído o dos negros, lutam pela justiça social [...]. Numa

sociedade hierarquizada como a brasileira todos encontram dificuldades para mobilizar seus membros em torno da luta comum para transformar a sociedade”. O racismo brasileiro é disfarçado em falsas cordialidades, o que mascara sob o mito da democracia racial, produzindo exclusão, inferiorização e negação da identidade negra” (Munanga, 2004). Essa afirmação revela o desafio estrutural da educação brasileira: o racismo é reproduzido não apenas em atitudes explícitas, mas na ausência de representatividade e na negação simbólica.

Quando a escola não oferece referências positivas sobre a população negra, perpetua a alienação cultural (Munanga, 2004), impedindo, inclusive a criança de se reconhecer como parte legítima da história do país. Superar esse quadro requer uma educação das relações étnico-raciais (Munanga, 2004) que promovam mudanças de mentalidade, valorizando a contribuição africana na formação da identidade nacional. Essa concepção embasa diretamente o Subprojeto de Pedagogia PIBID/UESC, que propõe práticas pedagógicas capazes de tornar a diversidade visível, sensível e celebrada.

O alerta de Santos (2022, p. 21) de que o racismo não é uma herança do passado, mas uma prática atual, cotidiana e estruturante na sociedade brasileira, nos convoca a perceber a escola dentro de um processo: reconhecer o racismo como uma questão presente que afeta o cotidiano das relações e do ensino-aprendizagem. Reforçando essa ideia, Santos alerta que: se o racismo brasileiro “é um ‘crime perfeito’, as investigações não podem se ater apenas às vítimas. É fundamental esquadrinhar também seus culpados. [...] Quem promove o racismo no Brasil? A quem interessa que se mantenha operante?” ou seja, não tem como compreender o Brasil sem reconhecer que o país foi construído por pessoas negras, indígenas e mestiças, cujas histórias foram silenciadas por uma narrativa branca e elitista (Santos, 2022),

Esse silenciamento histórico é uma forma de manter a violência simbólica que o Subprojeto de Pedagogia PIBID/UESC enfrenta ao buscar construir outras narrativas possíveis. A criação de Histórias em Quadrinhos (HQs) pelos(as) bolsistas, por exemplo, funciona como um instrumento de reescrita da história, ao inserir personagens negros em papéis protagonistas, ancorados em contextos locais como a Fazenda São Francisco, o Centro Histórico de Ilhéus e a cultura do cacau.

Essa modalidade de trabalho, mediada para as crianças, cria o lugar de fala de que trata Ribeiro (2017, p. 63): “falar a partir ‘de um lugar, [que] não é falar apenas de si, mas de um grupo social que, historicamente, foi silenciado. É reivindicar o direito de produzir conhecimento e de existir como sujeito de discurso’.” As HQs, ao representarem as vozes das crianças negras, suas famílias e comunidades, criam espaços simbólicos de fala, nos quais as próprias crianças se reconhecem como produtoras de cultura e de sentido. Alfabetizar,

portanto, é também permitir que o sujeito fale de si e com o outro, construindo consciência de sua identidade e de seu lugar no mundo.

A ludicidade, por sua vez, aparece como mediadora afetiva e cognitiva, nesse processo encontramos, para além das histórias em quadrinhos, as brincadeiras de origem africana. Sobre o brincar Kishimoto (2010, p. 37), observa que é “uma atividade fundamental para a criança compreender o mundo de forma criativa e crítica. O brincar permite à criança expressar sentimentos, explorar a realidade e desenvolver o raciocínio lógico e motor”. No sentido da construção da identidade, socialização e desenvolvimento de habilidades existe a articulação entre afro-alfabetização e a ludicidade, pois essa sem suas variadas formas transforma-se em estratégia de (re)encantamento pedagógico.

Sejam em forma de brincadeiras ou nas contações de histórias criadas no Subprojeto de Pedagogia PIBID/UESC, essas não são apenas ferramentas didáticas, mas práticas culturais de resistência, nas quais o brincar e o aprender se entrelaçam para produzir conhecimento e identidade.

A máxima de Gomes (2017, p. 13), “o que a Pedagogia e as práticas pedagógicas teriam a aprender com o Movimento Negro entendido como ator político e educador? [...] ao longo da nossa história social, política e educacional? A resposta é evidente, a valorização da cultura negra na escola precisa ser vivida, sentida e experimentada pelas crianças, e não apenas estudada como conteúdo (Gomes, 2017).

Essa posição sintetiza o espírito do Subprojeto de Pedagogia PIBID/UESC, que almeja transformar a experiência lúdica em um ato de afirmação política e cultural. As HQs, ao mobilizarem cor, corpo, lúdico e emoção, tornam-se linguagens que descolonizam o currículo e permitem que a aprendizagem se construa a partir de afetos e pertencimentos.

Resultados e Discussão

Os resultados evidenciaram que a afro-alfabetização, quando associada à ludicidade, amplia significativamente o interesse das crianças pela leitura e pela escrita, ao mesmo tempo em que promove o reconhecimento de suas origens culturais. Essa constatação se manifestou logo na etapa inicial de formação com as bolsistas do Subprojeto de Pedagogia PIBID/UESC, a qual possibilitou o amadurecimento teórico e o reconhecimento da própria identidade racial. Uma das bolsistas registrou esse processo, ao dizer: “aprendi que ensinar a cultura negra é também me reconhecer como parte dela.”

Tal depoimento traduz o movimento de conscientização que Freire (1987) descreve como



tomada de consciência, um processo em que o sujeito se reconhece historicamente situado e se compromete com a transformação do mundo. A reflexão produzida pela bolsista, que se reconhece como parte integrante do processo, evidencia que a formação antirracista não se limita ao campo do conhecimento, mas atravessa o ser, possibilitando uma docência mais afetiva, crítica e identitária.

Outro registro significativo, trazido nos depoimentos das bolsistas, encontra-se na fala de uma criança que, após a atividade desenvolvida com a História em Quadrinhos (HQ), afirmou: “quero ter o cabelo igual ao da heroína da história.” Essa fala, aparentemente simples, representa um gesto poderoso de identificação e valorização estética e cultural com os povos descendentes dos africanos. Para Gomes (2003, p. 171), “Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que paraser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros”. É um processo de resistência que se dá em meio a relações de poder e negação, e a escola pode ser um espaço privilegiado para o fortalecimento desse pertencimento. O desejo da criança reflete, portanto, o rompimento simbólico com o ideal de branqueamento historicamente imposto, ressignificando a beleza negra como um valor positivo e digno de admiração.

Essa transformação no olhar das crianças demonstra, como afirma Munanga (2004), que o combate ao racismo perpassa a reconstrução do imaginário coletivo, especialmente, acreditamos que na infância, onde se formam os referenciais de autoimagem e autoestima. Ao se ver representada como protagonista e heroína, a criança desloca o eixo de poder simbólico que tradicionalmente associa o belo, o inteligente e o bom ao branco.

Ribeiro (2017) reforça que essa representatividade é um exercício de fala e de existência, pois “falar a partir de um lugar” implica afirmar-se como sujeito histórico, político e coletivo. Assim, o gesto da criança expressa o efeito concreto da pedagogia do reconhecimento, um dos pilares da afro-alfabetização, confirmando que o ensino antirracista não é apenas uma questão curricular, mas uma experiência de reumanização.

Adicionalmente, as professoras supervisoras participantes relataram mudanças significativas na dinâmica da sala, com aumento da participação das crianças e maior sensibilidade às questões raciais no cotidiano escolar. As HQs, como atividade lúdica, funcionaram como mediadoras de uma aprendizagem mais crítica, interativa e afetiva. Kishimoto (2010) sustenta que o brincar é também linguagem e forma de compreensão do mundo; nesse sentido, o lúdico operou como estratégia de leitura de si e do outro, articulando alfabetização e identidade.



As oficinas de leituras e as rodas de conversa, realizadas em campo, concretizaram o diálogo entre teoria e prática, conforme propõe Thiollent (2011), e deram sentido à ideia freiriana de que “ninguém educa ninguém, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1987, p. 78). Essa percepção tem consolidado uma práxis pedagógica que articula identidade, ludicidade e alfabetização crítica, respondendo às demandas de uma educação antirracista prevista nas legislações educacionais e exigida pela realidade das escolas públicas. A afro-alfabetização mostrou-se, assim, um caminho possível para formar sujeitos conscientes e protagonistas de sua ancestralidade, reafirmando o papel transformador da educação.

Considerações Finais

A experiência relatada demonstra que a afro-alfabetização, quando associada à ludicidade e à literatura afrocentrada, constitui-se como uma estratégia para o fazer de uma educação antirracista desde a primeira infância. Ao reconhecer e valorizar a diversidade cultural e racial das crianças, o processo de ensino-aprendizagem torna-se mais significativo e emancipador.

Nesse sentido, o Subprojeto de Pedagogia Afro-Alfabetizar reafirma o papel do PIBID/UESC como espaço de formação inicial docente que une teoria, prática e compromisso ético-político. Os resultados apontam para a necessidade de ampliar ações institucionais voltadas à formação de professores para o trabalho com as relações étnico-raciais, consolidando uma educação de qualidade social, inclusiva e antirracista.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: Saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

KISHIMOTO, Tizuko Mochida. **O brincar e a educação**: a construção do conhecimento na infância. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MOREIRA, Jussara Tânia Silva. **A Igreja e a Praça**: os batistas da cidade de Itapetinga-Bahia (1938-2013). Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica





X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/19291>. Acesso em: 16 out. 2025.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil:** identidade, educação e racismo. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** São Paulo: Letramento, 2017.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **Racismo brasileiro:** uma história da formação do país. São Paulo: Todavia, 2022.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

